

O DIALOGISMO NA LA CONTEMPORÂNEA: REFLEXÕES A PARTIR DO 18º CONGRESSO MUNDIAL DA AILA

Guilherme Brambila¹

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo principal fazer um levantamento e discussão acerca de diferentes abordagens possíveis ao dialogismo na pesquisa em Linguística Aplicada contemporânea. Para tal, realizou-se uma sondagem de trabalhos apresentados na 18ª edição do Congresso Mundial da Associação Internacional de Linguística Aplicada (Aila), realizado no Brasil em 2017, a partir do livro de resumos do evento. Tal verificação, que parte de reflexões acerca da interação do dialogismo (BAKHTIN, 2011) na pesquisa em Linguística Aplicada (MAGALHÃES; SILVA, 2016), traz à tona que a perspectiva dialógica ocupa um espaço quantitativamente relevante nos trabalhos designados ao congresso, assim como reflete que o dialogismo na pesquisa em Linguística Aplicada contemporânea assume aplicações diferenciadas, revelando sua versatilidade aos estudos linguísticos.

PALAVRAS-CHAVE: Dialogismo. Linguística Aplicada. AILA. Pesquisa.

ABSTRACT: This work aims at making a survey and discussion about the different possible approaches to the dialogism in the Contemporary Applied Linguistics research. For this, a review of papers presented at the 18th World Congress of the International Association of Applied Linguistics (Aila), held in Brazil in 2017, was carried out from the event Abstract Booklet. This verification, which starts from reflections on the interaction of dialogism (BAKHTIN, 2011) in the research in Applied Linguistics (MAGALHÃES; SILVA, 2016), brings to light that the dialogical perspective occupies a quantitatively relevant space in the works assigned to the congress, as well as reflects that the dialogism in the Contemporary Applied Linguistics research takes different applications, revealing its versatility to linguistic studies.

KEY-WORDS: Dialogism. Applied Linguistics. AILA. Research.

Considerações iniciais

A perspectiva dialógica da linguagem, que se origina das reflexões do Círculo de Bakhtin, tem sido um contribuinte aos estudos linguísticos, em especial os de Linguística Aplicada, cada vez mais presente em investigações contemporâneas. Assim, esta vertente, fundada no conceito do dialogismo, que considera a tensão dos discursos na constituição do enunciado social e historicamente existente na interação dos sujeitos, possibilita ao (à) linguista múltiplos caminhos de investigação e observação de seu *corpus*.

Identificada essa potencialidade da perspectiva dialógica à práxis na pesquisa linguística, este trabalho tem como principal objetivo o levantamento de dados, bem como sua

¹ Doutorando em Estudos Linguísticos pelo programa de pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGEL – UFES). Mestre em Linguística pela mesma instituição. E-mail: guilhermebrambilamanso@hotmail.com.

discussão, referentes à representatividade de pesquisas de base dialógica apresentadas no 18º Congresso Mundial da Associação Internacional de Linguística Aplicada (Aila), que ocorreu de 23 a 28 de julho de 2017, na cidade do Rio de Janeiro, no Brasil.

A justificativa para tal levantamento e discussão se dá pela importância de se verificar como, na contemporaneidade dos estudos linguísticos, especificamente os de Linguística Aplicada, o dialogismo bakhtiniano tem sido recepcionado e trabalhado. Tal estudo, inclusive, visa a ser mais um meio de compartilhamento de informações e práticas que foram apresentadas no Congresso Mundial da Aila, que tem grande relevância para o cenário de pesquisa em LA.

A fim de alcançar o objetivo principal, fazer o levantamento e discussão de alguns trabalhos apresentados no 18º Congresso Mundial da Aila a partir do livro de resumos do evento, serão tecidos breves comentários acerca da perspectiva dialógica na pesquisa e, na sequência, as convergências históricas e práticas da Linguística Aplicada com o panorama dialógico bakhtiniano. Tais reflexões mostram-se essenciais para que compreendamos as compatibilidades do dialogismo quando inserido na pesquisa em LA.

A perspectiva dialógica na pesquisa linguística: alguns caminhos

Nesta seção, buscamos esclarecer alguns pontos-chave da análise baseada no dialogismo bakhtiniano, bem como as potencialidades de tal perspectiva aos estudos linguísticos contemporâneos. De maneira prática, a pergunta questionadora desta seção é: que outras leituras a perspectiva dialógica proporciona?

A perspectiva dialógica de análise tem sua base filosófica nos postulados de Bakhtin e o Círculo como sua força motriz de trabalho. É uma constante desta proposta a investigação do signo e do enunciado para além de um mero purismo linguístico, atentando-se às redes ideológicas com as quais os sujeitos dialogam para produzir tais enunciados em esferas reais de interação, nas quais estão envolvidos a subjetividade, o discurso e a ideologia.

A ideologia é, no dialogismo, um elemento constitutivo do signo, pois “tudo que é ideológico possui um *significado* e remete a algo situado fora de si mesmo [...] tudo que é ideológico é um *signo*. *Sem signos não existe ideologia*” (BAKHTIN, 2014, p. 31, grifos do autor). Importa compreender que a perspectiva dialógica nos convoca à reflexão de que o processo enunciativo do sujeito e, conseqüentemente, sua relação com a linguagem não consistem apenas de questões relacionais interiores, de maneira individualista, o que beiraria a um *psicologismo* do mesmo. Em contrapartida, percebemos fortemente no dialogismo a

questão social como fator impactante para o processo de significação ideológica tida por esse sujeito.

Assumindo o caráter não individualista do sujeito que enuncia ideologicamente tais signos, poderemos considerar que a ideologia, em Bakhtin, não se limita a fazer uma mera revelação imediata e/ou descritiva do sujeito, traçando um perfil cartesiano de uma possível identidade estagnada em valores imutáveis. Contrariamente, o valor ideológico do signo bakhtiniano é um resultado reflexivo e refratante de tensões discursivas que ocorrem na interação de sujeitos reais e em reais circunstâncias de enunciação. (BRAMBILA, 2017, p. 307).

Bakhtin, ainda, afasta suas considerações de uma perspectiva adâmica do signo e de sua respectiva constituição ideológica. “[...] Compreender um signo consiste em aproximar o signo apreendido de outros signos já conhecidos; em outros termos, a compreensão é uma resposta a um signo por meio de outros signos” (BAKHTIN, 2014, p. 34). Temos nessa afirmação um encaminhamento do que vem a ser uma das perspectivas bakhtinianas em relação à ideologia: o compromisso com a responsividade.

A própria noção de diálogo em Bakhtin requer nossa atenção. Faraco (2009, p. 68) nos elucidam sobre em que se baseia a perspectiva bakhtiniana em torno do termo:

[...] é necessário lembrar ainda que a palavra *diálogo*, no uso corrente, tem também uma significação social marcadamente positiva, que remete a ‘solução de conflitos, a ‘entendimento’, a ‘geração de consenso’. Ora, essa significação também não ocorre como tal no pensamento do Círculo de Bakhtin. Seus membros não são, portanto, teóricos do consenso ou apologistas do entendimento. Ao contrário, tentam dar conta da dinâmica das relações dialógicas num contexto social dado e observam que essas relações não apontam apenas na direção de consonâncias, mas também das multissonâncias e dissonâncias. Delas pode resultar tanto a convergência, o acordo, a adesão, o mútuo complemento, a fusão, quanto a divergência, o desacordo, o embate, o questionamento, a recusa (grifo do autor).

Aproximamo-nos, portanto, da proposta de diálogo em Bakhtin quando a enxergamos no prisma da tensão dos discursos e, principalmente, das ideologias que se percebem e podem vir a convergir de maneiras multifacetadas, conforme as circunstâncias sociais e históricas.

Dessa forma, o diálogo em Bakhtin é o lugar de relação em que os sentidos e as ideologias construídos pelos sujeitos em suas interações são colocados em tensão e em potencialidade, já que o termo contempla não apenas a existência de um *Eu* que emite seus enunciados, mas também de um *Outro* autêntico e vivo que recebe ativamente tais enunciados e os responde prontamente nessa dinâmica.

Outra pontuação pertinente às relações dialógicas que se dão por meio desta justaposição de enunciados é sua clara cisão com noções dicotômicas, como nos elucidam Morson e Emerson (2001):

Uma das muitas objeções de Bakhtin à divisão saussureana da linguagem em *langue* (o sistema) e *parole* (o ato discursivo individual) é que este modelo leva a uma ideia errônea do enunciado. Particularmente, isso endossa uma visão tradicional que o enunciado é uma *instanciação* do sistema linguístico, o que implica que enunciados

são acumulações mecânicas compostas de unidades da língua (palavras, sentenças, etc.) (MORSON; EMERSON, 2001, p. 125, tradução minha)².

Com isso, compreendemos o enunciado em Bakhtin como aquele que tem compromissos muito maiores com a dinamicidade da vida, que é dialógica e não sistematizável. Tal proposta relaciona-se, também, com a dinâmica da resposta à qual o dialogismo está atrelado.

[...] toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante. A compreensão passiva do significado do discurso ouvido é apenas um momento abstrato da compreensão ativamente responsiva real e plena, que se atualiza na subsequente resposta em voz alta (BAKHTIN, 2011, p. 271).

A partir das pontuações acerca do dialogismo e de seu impacto no estudo da linguagem e da subjetividade em meio às práticas sociais, é possível compreender que o prisma dialógico de observação amplia e problematiza as tensões discursivas que atravessam a linguagem, bem como identifica a falta delas nas práticas de silenciamento via discurso.

Na proposta de enxergarmos o dialogismo como norteador de análise, conseqüentemente, estabelecemos o compromisso de ressignificar a leitura de um enunciado a um nível mais complexo, no qual o signo não é apenas observado estruturalmente, mas também em seu acontecimento material-dialético na vida dos sujeitos que o enunciam e que o recebem.

Tal proposta é, ao mesmo tempo, compatível e desafiadora à investigação dentro do campo da Linguística Aplicada. Podemos constatar a compatibilidade da perspectiva dialógica por mostrar-se um caminho que põe em relevo as redes ideológicas em cada fragmento observável do *corpus* almejado, habilitando-nos a pensar nas conseqüências concretas aos sujeitos em sociedade que transitam e participam do alvo das análises. É, também, desafiadora a escolha do dialogismo porque, por colocar em relevo as circunstâncias sociais e históricas do enunciado, revela a infinidade de possibilidades de se compreender o signo ideológico, as diferentes perspectivas de observação do mesmo, as redes dialógicas nas quais os sujeitos fazem parte etc.

Sendo uma perspectiva de trabalho que coloca à tona diversas problematizações a partir da análise linguística, o dialogismo bakhtiniano instiga a ampliação de horizontes teóricos e metodológicos por parte do pesquisador. Em outras palavras, ao lidarmos com a interface

² *One of Bakhtin's many objections to the Saussurean division of language into langue (the system) and parole (the individual speech act) is that this model leads to a fundamental misconception of the utterance. In particular, it endorses a traditional view that the utterance is an instantiation of the linguistic system, which in turn implies that utterances are mechanical accumulations composed of units of language (words, sentences, etc.).*

dialógica da linguagem, notaremos a necessidade de considerar vertentes de outras áreas do saber, para, assim, alcançar as propostas de trabalho que partem de um *corpus* linguístico.

A característica mencionada no parágrafo anterior, apesar de passível de má interpretação se comparada com posturas mais conservadoras de pesquisa e análise linguística, mostra-se convergente com uma das grandes perseguições dos estudos da Linguística Aplicada Contemporânea (LAC): “falar ao mundo em que vivemos, no qual muitas das questões que nos interessavam mudaram de natureza ou se complexificaram ou deixaram de existir” (MOITA LOPES, 2009, p. 19).

De modo a destacar ainda mais os pontos de convergência entre o dialogismo bakhtiniano e os estudos de Linguística Aplicada, justificando sua compatibilidade com a área, focalizaremos na próxima seção percursos pelos quais a LA contemporânea se mostra essencialmente dialógica.

Os dialogismo como contribuinte da Linguística Aplicada: reflexões a partir da história

Nesta seção, elencaremos alguns pontos pertinentes que tangem a Linguística Aplicada Contemporânea (LAC), destacando as formas com as quais a perspectiva dialógica se mostra um elemento de base no alcance das problematizações atuais da área.

Em entrevista concedida à revista Percursos Linguísticos, da Universidade Federal do Espírito Santo, no ano de 2017, Adail Sobral defende que deve haver o combate ao excesso de modelização teórica nos estudos bakhtinianos em interface com a área de Linguística Aplicada. Apesar da clareza de que o afastamento total da modelização teórica transforma a investigação linguística em algo contraproducente, Sobral nos leva a refletir que a perspectiva bakhtiniana mostra-se interessante à tarefa de se realizar estudos da linguagem engajados com a materialidade da vida, que se reflete e refrata no enunciado. O incômodo trazido por Sobral não se limita ao ambiente acadêmico, mas aos espaços de compartilhamento de saber, revelando que o dialogismo é, sim, um componente válido na busca pela desconstrução do conhecimento estático. De acordo com Sobral (2017, p. 35),

Assim, cabe perguntar: por que em muitos casos se pensa a escolarização de saberes do mundo como uma operação de congelamento de seu dinamismo e transformação desses saberes em modelos estáticos, ou seja, reduzir o gênero a um tipo ou modelo de texto? Por que a escola só se sente bem se "normalizar" as coisas? De que se defende ela? Por que a escola parece temer o que não se deixa reduzir por ser parte da vivência dos sujeitos e, portanto, mutante? O que é a escola hoje? O que afinal queremos dela?

Assim como Sobral, pretendemos levar esse questionamento ao longo desta seção, com o intuito de identificar de que maneiras os estudos em LA também carregam esse tipo de

inquietação. Em outras palavras, é objetivo desta seção destacar de que maneiras a LA passou a potencializar ainda mais seu interesse pela tensão dos discursos, pela materialidade do enunciado e pela vida dos sujeitos que se constituem na e pela linguagem, trazendo para si, portanto, um olhar dialógico.

Com seu início datado nos anos 40, dentro da finalidade de produzir materiais para ensino de língua durante a Segunda Guerra Mundial (MOITA LOPES, 2006), a área de LA demarca sua gênese com um propósito que a acompanha até a contemporaneidade: desenvolver-se como uma área que vai de encontro a determinados grupos e sujeitos, diminuindo distâncias pelo viés da linguagem.

Certamente, cabe a nós a destreza para identificarmos nuances de propósitos que acompanharam e acompanham a LA até seu patamar mais atual. Por exemplo, podemos identificar em momentos anteriores que a LA se relacionava com a aplicação da Linguística estrutural, sendo a observação da sistematização linguística um dos trabalhos do linguista aplicado (cf. CORDER, 1973). Veremos, todavia, com Widdowson (1979), na primeira virada da LA, a proposta de enxergarmos a área para além da limitação que seu próprio nome provocava. A partir de Widdowson é levantada a bandeira de se pensar a LA como um ramo teórico do ensino de línguas, o que levou os interessados pela discussão em LA a perceberem que a aplicação de modelos de descrição linguística não poderia mais ser o limite da área, mas que muito mais poderia ser alcançado se a LA fosse pensada e praticada como uma área que enxerga seus usuários em seus contextos de interação, como o educacional.

Identificamos neste recorte não apenas afinidade com uma noção teoricamente dialógica de observação da língua, mas, muito além disso, com a vontade de construir uma LA *decididamente dialógica*. É nessa possibilidade de compreensão do percurso da LA que também podemos considerar que pensar dialogicamente a linguagem deve ser, muito mais do que uma aplicação da teoria dialógica bakhtiniana, uma vontade e decisão do (a) estudioso (a) da linguagem. Sob outra circunstância, somos fadados a cair na automatização da Linguística, em que teoria e prática caminham de maneira desnivelada, gerando resultados abstratos.

Como já afirmado anteriormente, não devemos considerar a decisão de pensar a linguagem dialogicamente como algo fácil e instantâneo. Contrariamente, isso faz parte de um processo que começa na desconstrução de crenças e posturas que o próprio linguista aplicado tem a respeito do fazer científico na área de ciências humanas, especialmente na área de linguagens, configurando-se como um movimento que culmina, sem se limitar, na interface

dialógica da LA. Magalhães e Silva (2016, p. 985) esclarecem como se dá esse movimento ao afirmarem que:

Esse movimento de ouvir o outro a partir de um lugar que não é o do poder, o do *mainstream*, mas do lugar do próprio outro a quem se deseja ouvir parece, de algum modo, ecoar o movimento inerente às investigações discursivas de orientação dialógica tal como postulada por Mikhail Bakhtin e o Círculo. Isso porque, para esses pensadores russos, a tarefa das ciências humanas envolve o desafio de tomar como objeto de estudo um sujeito que se enuncia, que diz de si e, por isso, como bem pondera Amorim (2004), constitui um objeto não apenas falado – condição de qualquer objeto – mas também falante – especificidade do objeto em ciências humanas. Portanto, dessa perspectiva, na relação que o investigador estabelece com o objeto, há o desafio de aquele estabelecer uma trama dialógica que prevê justamente a sensibilidade de ser alterado pelo que o objeto diz de si sem, no entanto, perder-se de seu lugar de pesquisador. (grifo dos autores).

Outro posicionamento interessante trazido pelos autores acerca da LA de interface dialógica refere-se ao movimento de atenção às vozes que, histórica e socialmente, encontram-se fora do *mainstream*, proporcionando uma prática científica com a linguagem que vá de encontro com sujeitos que são constantemente ignorados. Depreendemos desta afirmação que desses locais de não poder partem sujeitos de constituição ideológica e discursiva constantemente atravessada por discursos subjugadores, necessitando lutar também na e pela linguagem para preservar sua existência subjetiva. A esses sujeitos – das esferas da educação, minorias étnicas, sociais, de gênero etc. – a pesquisa dialógica em LA mostra-se como uma abordagem coerente.

Compreender e, muito mais que isso, reconhecer as redes dialógicas presentes no discurso dos sujeitos que partem de esferas consideradas subalternas requer do estudioso em LA não apenas o conhecimento da concepção dialógica da linguagem fundamentada pelo Círculo, mas também de abertura à interdisciplinaridade e indisciplinaridade (MOITA LOPES, 2006) da concepção do saber científico.

Como identificado e relatado por Moita Lopes (2009), na segunda virada da Linguística Aplicada, ocorrida a partir dos anos 90, o nome de Bakhtin, entre outros pensadores de linha convergente, aparece de maneira oficial e mais intensa nos estudos da LA. Junto à proposta dos estudos de caráter sócio histórico, como os bakhtinianos, a LA assume-se como potencialmente interdisciplinar na busca de alcançar problemáticas de pesquisas que partem da linguagem.

Estamos diante de uma formulação de LA bem distante daquela centrada no ensino e aprendizagem de Inglês e que, ao começar a se espriar para outros contextos, aumenta consideravelmente seus tópicos de investigação, assim como o apelo de natureza interdisciplinar para teorizá-los. Mas, no final do século XX e no início do século XXI, as mudanças tecnológicas, culturais, econômicas e históricas vivenciadas iniciam um processo de ebulição nas Ciências Sociais e nas Humanidades, que começam a chegar à LA. Para aqueles que levaram o projeto da interdisciplinaridade a sério, tentando fazer a LA caminhar pelas lógicas de outras disciplinas e teorizando

os objetos de investigação de maneira complexa, não havia outro percurso (MOITA LOPES, 2009, p. 18).

Mesmo considerando que a LA abraça sua vertente interdisciplinar, dialógica e, em muitos aspectos, rebelde às convenções e práxis do fazer científico com a linguagem a partir da segunda virada, é possível destacar que, desde seus primeiros passos, a LA sempre carregou em si uma vontade de ir ao encontro à ação do sujeito com a linguagem, estabelecendo conexões a partir da consideração do *tempo-espaço* daqueles que dela necessitavam, seja no contexto da guerra, no campo educacional etc.

Assim, é possível reconhecer que a área de LA e o dialogismo, seja enquanto conceito aplicável a determinada metodologia e *corpus* específicos ou como perspectiva e postura do pesquisador, inevitavelmente se cruzariam, visto que caminham em vias de contribuição social convergentes e complementares.

Todavia, cabe reconhecer e relembrar que seria uma ingenuidade afirmar que ambas as esferas – o dialogismo e a LA – se bastam em si próprias. Contrariamente, é sempre uma constante do trabalho em LA de vertente dialógica considerar outras possibilidades de investigação do enunciado, não se bastando ao seu todo linguístico, mas às redes sociais, ideológicas e históricas que a ele se interligam dialogicamente.

Seguimos, portanto, para a seção seguinte em que refletiremos sobre pesquisas em LA de interface dialógica apresentadas no último congresso da Aila, ocorrido em 2017 na cidade do Rio de Janeiro. A partir das considerações trazidas até aqui, a principal questão que percorrerá este levantamento é: de que maneiras o dialogismo bakhtiniano é (re) pensado na pesquisa em Linguística Aplicada Contemporânea?

A LA de interface dialógica pelo mundo: focalizando o 18º Congresso da Aila

Nesta etapa do trabalho, faremos um levantamento e discussão acerca dos trabalhos em Linguística Aplicada de interface dialógica propostos para apresentação no 18º Congresso Mundial da Associação Internacional de Linguística Aplicada (Aila), ocorrido no ano de 2017, na cidade do Rio de Janeiro, Brasil.

A motivação para tal recorte se dá baseada em alguns fatores. O primeiro é por conta da relevância e abrangência deste evento à área de Linguística Aplicada internacionalmente. O Congresso da Aila, que ocorre de três em três anos em diferentes partes do globo, reúne pesquisadores que trabalham com diversas interfaces os estudos em Linguística Aplicada, mostrando-se um espaço no qual se é possível presenciar tanto diferentes abordagens acerca da LA como também uma mesma abordagem sob diferentes práticas.

O segundo fator, a respeito da escolha da respectiva edição do evento, a 18^a, ocorre porque é a mais recente, levando-se em conta a data em que este artigo está sendo escrito. Tal escolha vai ao encontro da pergunta motivadora da seção anterior, que se direciona à Linguística Aplicada contemporânea. Tal panorama, contudo, não exclui ou nega trabalhos em LA precedentes, mas reconhece que os resultados de pesquisas contemporâneas existem devido a uma base histórica de qualidade na qual estão os trabalhos em LA.

O terceiro e último fator elencado para a escolha deste evento e desta edição se dá por ter acontecido em terras brasileiras. Importa para esta discussão também ressaltar o trabalho do (a) linguista aplicado (a) brasileiro (a), especialmente aqui os que desenvolvem pesquisas de base dialógica, a fim de também averiguar de que formas a LA brasileira se estabelece e contribui para um evento deste porte.

Antes de prosseguir à discussão em si, cabe fazer uma ressalva de que o Congresso Mundial da Aila, apesar de sua notável importância à área, não pode e não será enxergado aqui como única fonte representativa de trabalhos em LA de qualidade, apesar da delimitação deste *corpus*. Isso se justifica principalmente pelos altos valores para a inscrição no referido evento, o que acabou se tornando um elemento de exclusão de cientistas e seus trabalhos pelo fator financeiro, especialmente os vindos de economias em que o investimento em educação e pesquisa tem sido cada vez mais dificultado, como é o caso do próprio Brasil. A 18^a edição, ocorrida no Rio de Janeiro, contava com valores de inscrição que certamente impossibilitaram a inserção de colegas de área nesta grande rede de compartilhamento de conhecimentos que é o evento. Assim, pelo motivo trazido nessas linhas, os trabalhos registrados para apresentação no 18^o Congresso da Aila são considerados reflexos e refrações do que se estuda contemporaneamente em Linguística Aplicada de base dialógica.

Para que se chegasse à 18^a edição da Aila, um percurso histórico foi traçado, iniciando-se na França em 1964 até que tomasse o restante do globo, conforme é sucintamente explicado no histórico da instituição, em seu site oficial:

A fundação da AILA foi acordada no Colóquio Internacional de Linguística Aplicada na Universidade de Nancy, França (daí o nome francês da AILA), 1964. Essa decisão foi resultado de dois anos de trabalho preparatório e discussão, com o apoio financeiro do Conselho da Europa. Naquela época, a clientela a ser atendida por essa nova associação internacional era restrita principalmente a linguistas e professores de idiomas na Europa. O primeiro presidente da AILA foi Bernard Pottier, apoiado em assuntos organizacionais e administrativos por Max Gorosch. O congresso fundador da AILA em Nancy foi dirigido quase exclusivamente em francês, e as principais vertentes para as quais as contribuições foram organizadas foram tradução automática, ensino de línguas e cooperação em pesquisa na Europa.

Bernhard Pottier não teve nenhum sucessor direto até 1969, quando no Segundo Congresso Internacional de Linguística Aplicada da Universidade de Cambridge (na

verdade o primeiro com este título) AILA foi praticamente refundado e Pit Corder foi eleito Presidente e Bertil Malmberg tornou-se Secretário Geral. Foi a partir daí que a AILA obteve uma estrutura organizacional constante e que os Congressos da AILA foram realizados em uma base trienal. Também a partir de então, o inglês se tornou a língua franca de fato em AILA, embora a Associação fosse oficialmente francesa / inglesa bilíngue desde o início e ainda é hoje. Este congresso também se tornou prototípico para todos os congressos da AILA, na medida em que suas vertentes representavam as questões-chave em Linguística Aplicada do respectivo tempo - nesse caso, a psicologia da aprendizagem de segunda língua, sociolinguística,

Originalmente uma iniciativa europeia, a AILA se tornou verdadeiramente global nos últimos 40 anos, incluindo agora afiliadas da África, Ásia, América Latina e América do Norte. (AILA, 2018, s/p, tradução minha).

Com a garantia de uma associação de estrutura global, tem-se também a possibilidade de garantir que o evento reúna um grupo ainda mais diverso de pesquisadores, o que vai ao encontro do propósito de se pensar a Linguística Aplicada sob diferentes panoramas e abordagens, que são influenciadas pelos contextos históricos e sociais de cada sujeito pesquisador, proporcionando estudos cada vez mais plurais na área.

Com a internacionalização do saber, promovido pelo congresso da Aila, pesquisadores de diferentes lugares do mundo podem compartilhar suas formas de conceber a práxis em Linguística Aplicada, conhecer pesquisas afins e (re)aprender com abordagens diferentes. Com base no livro de resumos, em que foram publicados todos os trabalhos aprovados para apresentação no congresso, dedicaremos atenção às propostas em LA de base dialógica, a fim de conhecer como o dialogismo é enxergado ao redor do mundo pelo viés da Linguística Aplicada. Por questões de tamanho deste artigo, foram selecionados 3 resumos para a discussão.

De acordo com dados coletados do livro de resumos do 18º Congresso Internacional da Aila³, foram contabilizados mais de 1.200 trabalhos aceitos para apresentação, dividindo-se em comunicações individuais, trabalhos de simpósios, exposição de banners etc. Dessa soma de trabalhos, identificamos 54 de base conceitual e/ou metodológica nos estudos bakhtinianos, tendo o dialogismo como força motriz de trabalho registrado explicitamente. A seleção desses trabalhos no livro de resumos se deu a partir da leitura dos resumos presentes no mesmo, utilizando a busca por palavras-chave, como “dialogismo”; “Bakhtin”; “estudos bakhtinianos”; “análise dialógica” (bem como a versão em inglês, espanhol e francês desses termos). Outro critério definido para a seleção foi considerar apenas apresentações que assumissem explicitamente o dialogismo bakhtiniano como constituinte do trabalho. Assim, mesmo que os

³ Todos os resumos podem ser lidos em: http://www.aila2017.com.br/images/Book%201-v3_Final-resumos.pdf. Último acesso em 25/07/18.

4,5% dos trabalhos do congresso sejam de base dialógica bakhtiniana, o que já é um número expressivo, é possível considerar que este número seja maior se ampliarmos a busca para trabalhos de perspectiva afim ou que aplicam o dialogismo indiretamente.

A quantidade de trabalhos em Linguística Aplicada atravessados pela perspectiva dialógica da linguagem é, de fato, significativa, visto que o campo da LA tem se expandido cada vez mais, o que permite que o linguista aplicado persiga sua problemática por vias cada vez mais diversas. Assim, diante do fator quantitativo, é possível identificar que o dialogismo na LA assume contemporaneamente um espaço substancial, o que pode ser compreendido como resultado de um alinhamento bem sucedido entre a perspectiva filosófica e a área de pesquisa.

A respeito das temáticas presentes nos 54 trabalhos identificados, é possível trazer à tona que uma das marcas do dialogismo na LA está em sua não estagnação identitária. Foi possível encontrar a perspectiva dialógica em trabalhos concentrados nas áreas de Letramentos, Políticas linguísticas, ensino de língua materna, ensino de língua estrangeira, Estudos Culturais e da Identidade, entre outros. O *corpus* dos trabalhos deste grupo é também variável, compreendendo de análises de produções textuais em contexto de ensino de língua materna a práticas de letramento no Movimento Sem-terra (MST).

O resultado de tal levantamento nos permite compreender que a perspectiva dialógica da linguagem ganha, no contexto da LA, dimensões e aplicabilidades variadas, conforme o tempo-espaço em que é inserida. A justificativa para tal aptidão da teoria dialógica em contato com pesquisa aplicada é elucidada no trabalho de Magalhães e Silva (2016, p. 1007), que explicam que

Tal pensamento, ao se inspirar na filosofia da vida, reconhece a especificidade de pesquisas que tomam como objeto o humano em suas relações das mais variadas, ou seja, em práticas sociais. Entretanto, ao negar incluir o mundo teórico no devir da singularidade da vivência do indivíduo, a orientação dialógica promove dispositivos para a abordagem teórica e o tratamento do objeto sem, respectivamente, fazer a teoria refém do indivíduo nem destituir o objeto de sua condição de sujeito produtor de discurso.

Em reflexão às considerações de Magalhães e Silva, cabe pontuar que a orientação dialógica na pesquisa em Linguística Aplicada diverge das propostas de conceituação teórica abstraídas da materialidade e vivência dos indivíduos aos quais as investigações se destinam. Em outras palavras, pode-se compreender que a perspectiva dialógica motiva o linguista a constantemente conhecer o tempo, o espaço e os sujeitos que se constituem linguística e discursivamente no *corpus* alvo, tarefa esta que é ocasionalmente barrada por relativizações excessivas da vida, provocadas também pelo academicismo.

Dando prosseguimento à discussão acerca do dialogismo nos trabalhos de Linguística Aplicada apresentados no Congresso da Aila, três resumos selecionados desse grupo serão expostos a fim de que seja debatida a variedade de aplicações do princípio dialógico na materialidade da pesquisa linguística.

No trabalho “Diálogos construídos nas práticas de revisão e reescrita: analisando uma oficina de *fanfictions* na escola”, da pesquisadora Larissa Paris, da Universidade Estadual de Campinas (Brasil), o dialogismo bakhtiniano é tomado como perspectiva de trabalho. Vejamos

Este trabalho apresenta parte das discussões realizadas em uma pesquisa de mestrado qualitativa de base interpretativista em Linguística Aplicada. Seu objetivo é investigar o modo como os diálogos com enunciados de diferentes campos são construídos nas práticas de revisão e de reescrita escolares e de que forma os sujeitos fazem uso das categorias de revisão e das operações linguísticas de reescrita nestes casos. Para tal, uma oficina de produção escrita de *fanfictions* foi realizada com a participação voluntária de alunos do primeiro ano do Ensino Médio de uma escola do estado de São Paulo. Na oficina, os discentes posicionaram-se como sujeitos escritores de suas narrativas assim como revisores dos textos de seus colegas. O corpus desta pesquisa foi gerado por meio das metodologias do estudo de caso e da pesquisa-ação e se constitui pelos textos escritos, revisados e reescritos pelos estudantes. A partir de uma perspectiva dialógica baseada na teoria bakhtiniana, foi constatado que as revisões e reescritas que dialogaram com enunciados do campo escolar procuraram realizar melhorias em relação à escrita, especialmente na adequação à norma padrão da língua portuguesa. Como decorrência, correções resolutivas e operações de substituição foram empregadas, respectivamente, nas revisões e nas reescritas, viabilizando uma única possibilidade de reescrita traçada pelo próprio aluno revisor. Por outro lado, houve também a busca por uma adequação ao gênero *fanfiction* nos textos que dialogaram com enunciados do campo do universo das *fanfictions*. Nestes casos, foram empregadas correções textual-interativas nas revisões que instigaram o aluno escritor a refletir sobre seu texto no momento da reescrita, possibilitando a ele encontrar soluções, por meio de operações de adição, para aquilo que foi apontado como inadequado pelo revisor. Os dados revelaram que o modo como a interação é construída na revisão influencia na forma como a reescrita é realizada. (PARIS, 2017, p. 19).

Interessa-nos, aqui, destacar que o trabalho de Paris, resumidamente descrito acima, não necessariamente delimita o dialogismo bakhtiniano como procedimento metodológico ou como conceito de aplicação, mas como uma perspectiva de trabalho que transforma o campo de visão da pesquisadora no recolhimento dos resultados. Ainda, pode-se verificar a partir deste resumo a postura *decididamente dialógica*, defendida anteriormente neste mesmo trabalho. Assim, verifica-se a potencialidade do dialogismo para além dos limites teórico-metodológicos, atuando na prática do (a) linguista como um perspectiva norteadora de interpretação dos resultados obtidos.

A seguir, expomos a tradução do resumo de Claudine Kirsch, pesquisadora da Universidade de Luxemburgo (Luxemburgo), intitulado “Dynamic interplay of language policy, ideologies and pedagogy in a preschool in Luxembourg”, no qual o dialogismo é parte

conceitual da criação de um *software* que promove a educação multilíngue no contexto pré-escolar de Luxemburgo.

Esta apresentação concentra-se na relação entre a política linguística, as ideologias de linguagem e as práticas linguísticas numa turma pré-escola trilingue em Luxemburgo. O multilinguismo individual é uma meta educacional em Luxemburgo, um pequeno país da Europa central, e assim, as crianças aprendem luxemburguês na escola maternal obrigatória, alfabetizam-se em alemão no Ano 1 e aprendem francês oral e escrito a partir do Ano 2 e Ano 3, respectivamente. Atualmente, 62,4% das crianças não falam luxemburguês na entrada na escola (MENJE, 2016). Muitos falam português, francês ou uma língua dos Balcãs. Como resultado, as políticas educacionais concentram-se no ensino de luxemburguês na pré-escola, às vezes à custa de outras línguas. Gretsch e Kirsch (2015) desenvolveram o aplicativo iTEO para promover métodos de ensino inovadores que capitalizam os diversos recursos de linguagem das crianças e promovem uma visão dinâmica do bilinguismo. Este aplicativo *ipad*, que permite a gravação e edição de fala oral, foi projetado com base em teorias social-construtivistas e teoria bakhtiniana do dialogismo em mente. Este estudo de caso apresenta as maneiras pelas quais as crenças ideológicas de um professor de pré-escola influenciam o uso da linguagem da criança durante um período de dois anos, levando à compreensão da criança sobre a legitimidade da tradução. O foco está na interação entre a política educacional centrada no ensino de luxemburguês, as ideologias de linguagem do professor enraizadas na sua identidade multilíngue e no multilinguismo societal e as experiências da criança de separar as línguas em casa (Kirsch, 2014). Os dados são provenientes de um estudo qualitativo, longitudinal, usando uma abordagem multi-metodológica. O estudo mostra que o diálogo entre professores, pais, crianças, formuladores de políticas e pesquisadores pode contribuir para a mudança de ideologias e para a abertura de espaços de linguagem dinâmicos (KIRSCH, 2017, p. 97, tradução minha)⁴.

Neste trabalho, vemos a perspectiva dialógica bakhtiniana sendo aplicada na pesquisa linguística de maneira substancialmente diferente do primeiro caso. Na experiência de trabalho relatada pela pesquisadora, o princípio dialógico é um dos conceitos-base na construção de um aplicativo que visa à facilitação do processo de educação multilíngue no contexto luxemburguês.

⁴ This presentation focuses on the relationship between the language policy, language ideologies and language practices in a nursery class in trilingual Luxembourg. Individual multilingualism is an educational goal in Luxembourg, a small country in central Europe, and, thus, children learn Luxembourgish from the compulsory nursery school, become literate in German in Year 1 and learn oral and written French from Year 2 and Year 3, respectively. Currently, 62.4% of the children do not speak Luxembourgish on school entry (MENJE, 2016). Many speak Portuguese, French or a language of the Balkans. As a result, educational policies focus on the teaching of Luxembourgish from preschool, sometimes at the expense of other languages. Gretsch and Kirsch (2015) developed the app iTEO in order to promote innovative teaching methods that capitalize on the children's diverse language resources and that promote a dynamic view of bilingualism. This *ipad* app, which allows for the recording and editing of oral speech, was designed with social-constructivist theories and Bakhtin's theory of dialogism in mind. This case-study presents the ways in which a preschool teacher's ideological beliefs influence a child's language use over a period of two years leading to the child's understanding of the legitimacy of translanguaging. The focus lies on the interplay between the educational policy focusing on the teaching of Luxembourgish, the teacher's language ideologies rooted in her multilingual identity and in societal multilingualism, and the child's experiences of separating languages at home (Kirsch, 2014). The data stem from a qualitative, longitudinal study using a multi-method approach. The study shows that dialogue between teachers, parents, children, policymakers and researchers can contribute to shifting ideologies and to opening up dynamic languaging spaces.

Apesar de a relação estabelecida entre a perspectiva dialógica e a construção de um *software* já ser um fator surpreendente no que diz respeito à inserção do dialogismo na pesquisa em LA, destacamos aqui o dialogismo sendo encarado como princípio pedagógico de uma tecnologia em educação linguística. Tal possibilidade de se trabalhar a perspectiva dialógica certamente inspira o professor/pesquisador a assumir o dialogismo como uma direção filosófica de sua práxis, o que possibilita reconhecer a esfera escolar como espaço autêntico de tensão discursiva e de subjetividades.

Por fim, o último exemplo selecionado é do trabalho da pesquisadora Nívea Rohling, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (Brasil), intitulado “A análise dialógica do discurso e a formação de professores: uma escuta dialógica”. Nesta proposição, Rohling apresenta aspectos teórico-metodológicos de base dialógica, especificamente a Análise Dialógica do Discurso (ADD), aplicados à análise de enunciados de professores de Língua Portuguesa em contexto de formação. Vejamos:

Tem sido crescente o interesse de pesquisadores da Linguística Aplicada em investigar/analisar o discurso do professor de Língua Portuguesa bem como os discursos sobre o professor, sua práxis e seus saberes a fim de trazer contribuições para os processos de ensino e aprendizagem de língua na escola bem como para formação de professores. Nesse contexto de investigação, o presente trabalho apresenta aspectos metodológicos imbricados no processo de análise/escuta de enunciados gerados no processo de formação do professor de LP, mais especificamente na modalidade de Educação a Distância. Assim, nesse espaço de interação sociodiscursiva, buscou-se investigar os sentidos atribuídos à atuação do professor de LP por sujeitos em processo de formação inicial. Tal incursão analítica significa observar como esses discursos são permeados/fulcrados por discursos já-ditos, advindos tanto das interações concretizadas no curso de sua formação acadêmica e também das experiências vividas pelos sujeitos (seja como professores já em atuação ou como estudantes na sua escolaridade pregressa à universidade). No ato de fazer pesquisa, mostrou-se produtora a ancoragem teórico-metodológica do Círculo de Bakhtin a partir de noções como: enunciado, discurso, relações dialógicas, cronotopo e esferas de atividades humanas. Nessa trajetória de pesquisa foi possível verificar que, na teorização elaborada pelo Círculo, há caminhos para se examinar a organicidade do discurso de diferentes esferas sociodiscursivas, o que contribui significativamente para uma nova perspectiva a respeito da linguagem humana e aponta para formas outras de compreensão da produção de sentido. (ROHLING, 2017, p. 286).

Já neste trabalho vemos a perspectiva dialógica identificada na ancoragem teórico-metodológica, sendo justificada na sequência como um caminho para se examinar o discurso a partir de diferentes esferas sociodiscursivas, possibilitando uma ampla rede de compreensão do sentido a partir da linguagem humana.

Importa destacar que a concepção da perspectiva dialógica em moldes academicamente mais palpáveis, como dentro do espectro da Análise Dialógica do Discurso, configura-se também como um movimento que, pelas brechas, transforma a práxis da pesquisa linguística

por abordar e reconhecer enfaticamente o emaranhado de significações de ordem histórica e social que atravessam o enunciado analisado.

Considerações finais

A partir da reflexão realizada nas seções anteriores, é possível considerar que o pensamento dialógico assume na pesquisa em Linguística Aplicada diferentes possibilidades de aplicação, influenciando drasticamente tanto a formulação dos resultados como a interpretação dos mesmos.

Contudo, ressalva-se que, apesar de identificarmos certa plasticidade na dinâmica com o pensamento dialógico na pesquisa em LA, o caminho que essa perspectiva aponta leva o (a) linguista constantemente ao reconhecimento da tensão dos discursos, do embate ideológico da linguagem em contextos de acontecimento histórico e social reais. Assim, pode-se afirmar que uma compreensão errônea do dialogismo na pesquisa em LA é aquela que não considera fatores de interação social, que, para o dialogismo, são basilares.

Referências

AILA. *Website Oficial*. Disponível em: <https://aila.info/>. Último acesso em 25/07/2018.

BAKHTIN, M. M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec Editora, 16ª ed., 2014.

_____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 6ª ed., 2011.

BRAMBILA, G. O(s) lugar(es) da Análise Dialógica do Discurso na contemporaneidade: focalizando a crise na segurança pública no ES. In: *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 7, p. 303-321, jan./jun. 2017.

_____; SOBRAL, A. U.; GONCALVES, J. C. Dialogia, Linguística Aplicada e Tradução: uma entrevista com Adail Sobral, comentada por Jean Gonçalves. In: *Percursos Linguísticos (UFES)*, v. 7, p. 13-41, 2017.

CORDER, S. P. *Introducing Applied Linguistics*. Harmondsworth: Penguin Education, 1973

FARACO, C. A. *Linguagens e diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

KIRSCH, C. Dynamic interplay of language policy, ideologies and pedagogy in a preschool in Luxembourg. In: *Aila Booklet*, 2017, p. 97.

MAGALHÃES, A. S.; SILVA, A. P. P. F. Heterogeneidade na pesquisa em Linguística Aplicada: dialogismo como princípio da construção do conhecimento. In: *D.E.L.T.A.*, n. 32, v. 1, 2016, p. 981-1010.

MORSON, G. S.; CARYL, E. *Mikhail Bakhtin: Creation of a Prosaics*. Stanford University Press. Stanford, California, 2001.

MOITA LOPES, L. P. Da aplicação da Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar. In: PEREIRA, R. C.; ROCA, P. *Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos*. Editora Contexto, SP, 2009, p. 11-24.

_____. (Org.). *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.

PARIS, L. Diálogos construídos nas práticas de revisão e reescrita: analisando uma oficina de fanfictions na escola. In: *AILA Abstract Booklet*, 2017, p. 19.

ROHLING, N. A análise dialógica do discurso e a formação de professores: uma escuta dialógica. In: *AILA Abstract Booklet*, 2017, p. 286.

WIDDOWSON, H. G. The Partiality and Relevance of Linguistic Description. In: *Explorations in Applied Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 1979.